

5 Considerações finais

A idéia de herança nos remete ao fato de receber algo que nos foi deixado por alguém que pertenceu à nossa família. Este trabalho investigou uma particular forma de herança, a transmissão de uma herança política, conseqüência da experiência de exílio vivida por crianças e adolescentes brasileiros, nos anos da ditadura militar.

Os filhos de exilados fazem parte de um grupo muito específico que viveu o exílio. Se olharmos pelo viés de atuação política, juntamente com eles podemos encontrar esposas, irmãos, parentes de uma forma geral, que vivenciaram o exílio, mas não participaram diretamente de ações contra o regime ditatorial. No entanto, o caso dos filhos de exilados apresenta uma outra especificidade. O fato de serem crianças e adolescentes implica que ao longo da experiência ocorreu o processo de formação de suas personalidades e identidades, além do desenvolvimento físico e biológico. Muitos chegaram ao Brasil adolescentes, outros adultos com a formação escolar, ou universitária, ou as duas feitas no exílio.

Foi possível verificar com essa pesquisa que colocarmos ao lado das memórias dos pais¹ as memórias dos filhos sobre o exílio, elas demonstram diferenças significativas em

¹As principais fontes utilizadas nesta pesquisa que correspondem a este ponto são Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.*, Pedro Celso Uchôa CAVALCANTE e Jovelino RAMOS (orgs). *Op. Cit.*, Valentina da Rocha LIMA (org). *Op. Cit.*, José Maria RABÊLO. *Residência provisória – os sentimentos do exílio*. Belo Horizonte: Europa, 2004. José Maria RABÊLO e Thereza RABÊLO. *Op. Cit.* Contribuíram igualmente para a análise dos aspectos mais expressivos do exílio as obras de Edward SAID. *Fora do Lugar*. *Op. Cit.*, Tzvetan TODOROV. *Op. Cit.*, Ana VASQUEZ e Ana Maria ARAUJO. *Op. Cit.*

relação aos elementos que essa experiência ofereceu. As mais expressivas aparecem quando estudados o processo de adaptação ao país estrangeiro, o sentimento de ser apátrida, o processo de desenraizamento, e as relações estabelecidas com a experiência depois do seu fim.

Como muitas vezes foi destacado o exílio brasileiro foi plural e diverso. Isso aponta para a diversidade também existente nas memórias dos filhos de exilados, e para o aspecto subjetivo que esta vivência pode ter. A adaptação das crianças, pelo menos no universo dos entrevistados para esse trabalho, consistiu em um processo positivo, e lhes trouxe benefícios, que muitos utilizaram quando adultos. A maioria se refere ao país de exílio como seu segundo lar, e esse sentimento durou para alguns até pouco tempo atrás. Em suas memórias, destacam o forte desejo dos pais em voltar para o Brasil, o que tornou o país um elemento vivo durante a experiência, influenciando-os a reconhecê-lo enquanto o *verdadeiro* lar, mesmo com muito pouco conhecimento sobre o mesmo. Apesar de terem cultivado a curiosidade a cerca do Brasil, a maioria não pensava em voltar até o momento da Anistia. Sabiam que um dia iriam para o Brasil, mas esse pensamento não dominava a vivência do exílio.

Quando começa e quando termina o exílio são questões que igualmente complementam a diversidade que a experiência teve, e a subjetividade que ela pode ter. Nas memórias dos filhos de exilados o começo do exílio está remetido a situações que geralmente expressam violência e dor, como por exemplo, invasão de embaixadas, a prisão dos pais, ou a própria experiência de prisão, a fuga de países, a perda de vínculos com os pais ou com familiares, a morte de amigos, entre outros. Até então viviam como as outras crianças, e a adaptação de uns era tão boa que eram considerados habitantes locais. Seus pais, no entanto, não podem dizer o mesmo, pois a nacionalidade, a língua, os costumes brasileiros já estavam enraizados em suas identidades. Além do mais havia uma procura por reforçar esses elementos, para justamente não perderem suas identidades enquanto *exilados políticos brasileiros*.

As crianças passavam pelo processo de formação de identidade ao mesmo tempo em que absorviam os elementos da experiência de exílio. Com isso moldavam suas personalidades de acordo com a escola que freqüentavam, o idioma que falavam, hábitos alimentares, costumes locais. Estiveram mais abertos a este processo, e identificam os ganhos dele. A fluência em outras línguas, dupla nacionalidade, facilidade de adaptação a novas circunstâncias em suas trajetórias, além de terem presenciado importantes eventos históricos, e contam com muito orgulho o fato de terem visto e participado de alguns deles.

Considerar o exílio como um sentimento foi uma das atribuições desta dissertação. Muito comum nos relatos de exilados está a sensação de não pertencer ao lugar em que se vive, e sentir-se apátridas durante a experiência. As crianças e adolescentes não apresentam esse sentimento quando se referem ao exílio, mas reconhecem sua presença. Percebiam isso em documentos e identificações, mas não se sentiam sem pátria, ou sem um lugar para chamar de seu. Fundamentaram vínculos no exílio, tanto com pessoas como em relação ao lugar que moraram. Há o sentimento de não pertencer, por exemplo, ao país de segundo exílio, quando este episódio foi experimentado, mas não em relação ao país que cresceram.

As mudanças constantes são apresentadas em suas memórias como parte de um processo difícil e doloroso. A saída de um país já familiar trazia o sentimento amargo do exílio, e muitas vezes identificam nesses episódios a sensação de se reconhecerem pela primeira vez enquanto exilados. O desenraizamento esteve presente na experiência das crianças assim como marcou a vivência de seus pais. A facilidade de adaptação que freqüentemente é atribuída às crianças não descartou, contudo, as dificuldades de recomeçar a vida muitas vezes. A marca da tristeza pode ser percebida ao relatarem este processo, uma vez que deixavam para trás os amigos, a escola, a casa, os parentes, entre outros.

A temática do exílio freqüentemente apresenta duas abordagens: ou bem o exílio é um título de glória ou é um estigma. Acredito que a tendência é ver os exilados como heróis e injustiçados, enquanto os aspectos negativos que suportam ficam a margem dessas análises. Os filhos de exilados não se reconhecem como heróis, pois não atuavam politicamente, mas identificam seus pais como representantes desta categoria. Suas mães também recebem esse atributo. Admiram suas vidas e têm orgulho de serem filhos de quem são.

Há outra peculiaridade na experiência das crianças, que diz respeito ao processo reflexivo quando já se encontravam no Brasil. Foi a partir do fim da vivência enquanto exilados que para alguns este termo começou a fazer sentido. Os mais velhos já podiam considerar certos aspectos ainda no exílio, mas mesmo assim foi através do contato com o Brasil que puderam refletir melhor sobre o que viveram. Para os mais novos, a adolescência foi vivida no Brasil trouxe o estudo escolar sobre a época da ditadura, além do convívio ainda muito forte com a militância dos pais. Estiveram diante de elementos que até então não tinham percebido, ou desconheciam, inclusive a própria nomenclatura *exilado*.

Foi quando começou a surgir o interesse pelo período histórico que viveram, e pela militância também. A atuação política é uma das heranças que receberam os filhos de exilados, mesmo que posteriormente ela tenha sido rejeitada. Esse é um dos únicos pontos em comum que os entrevistados possuem, pois todos se consideram atuantes em algum sentido. Mesmo os que não fizeram parte de uma militância, digamos assim, mais tradicional, estiveram envolvidos com trabalhos que consideram políticos, e reconhecem a influência dos pais neste ponto, ou pelo menos a influência do exílio. Os que não se definem enquanto militantes se referem na verdade a uma militância que reconhecem como aquela feita na época dos pais, em partidos, sindicatos, grêmios e na universidade. No entanto atuam ou atuaram em outras áreas, e seus trabalhos podem ser identificados como uma forma de atuação política.

A idéia e concepção de militância na geração de filhos de exilados ainda estão muito entrelaçadas ao modelo que foi construído por seus pais. Na cultura política dos filhos o que se pode entender por militância é passível de ter um sentido completamente diferente do que era atribuído na cultura política de seus pais. Com o fim da ditadura ocorreu também o fim da identificação de um inimigo comum e evidente. Até mesmo as fronteiras políticas estão mais diluídas e novas atribuições surgiram. O mundo dos filhos não esteve dividido em comunistas e capitalistas, entre a direita e a esquerda. A militância ganhou novos sentidos, e hoje um enorme leque de possibilidades de atuação pode ser identificado, como a preservação do meio ambiente, nas associações de bairros, em ONG's, em escolas, na arte, na música, nos partidos, nas universidades, na dança, no cinema, entre outros.

Os filhos de exilados valorizam a experiência que tiveram e a forma como seus pais atuaram na história do país. O ressentimento não é evidente em seus relatos, e mesmo os

que se sentem lesados de alguma maneira por conta da vida dos pais não transferem para eles a culpa ou um rancor pessoal, mas compreendem a situação política em que viviam, e sentem orgulho das escolhas que fizeram. Os que têm filhos se mostram preocupados em passar a história da família como uma trajetória heróica e de muita luta.

Muitos tiveram vontade de seguir uma carreira política e ajudaram na construção das vias democráticas do país. Percebem a participação dos pais como uma atitude corajosa, e não falam com ressentimento dos pais em relação ao exílio. Se pudermos identificar um ressentimento ligado a esta experiência, ele está voltado para a forma como o Brasil lida e lidou com esta temática. A maioria acredita que não existem hoje espaços para discussões sobre o assunto. O desinteresse pelo exílio causa em muitos uma revolta, e nesse sentido pode ser identificado o ressentimento. Não culpam seus pais pelo que viveram, mas sim as autoridades e a elite brasileira que apoiaram a ditadura, e que até hoje não querem discutir e atribuir os culpados deste processo da nossa história.

Concluo que para esta geração a herança mais evidente da experiência do exílio para os filhos de exilados está refletida no sentimento de compromisso com a história do país, e a identificação com o âmbito político no qual cresceram, e do qual a maioria fez parte. Percebem a importância do processo político em que estiveram inseridos, e de diferentes formas consideram o exílio presente na trajetória que construíram. Ainda é muito forte o exemplo dos pais para esta geração, e do tempo em que eles viveram, o que por um lado os aproxima, mas por outro os afasta. A procura por uma independência dos pais é bem expressiva nesta geração, inclusive a independência de seus sobrenomes. Muitos são comparados aos pais e questionados porque não agem desta ou daquela forma. Relatam o desconforto que essas situações causam, e tentam seguir seus próprios caminhos, sem descartar as influências que recebem.

Essa geração herdou em alguns aspectos o estigma do exílio, e não o título de glória. Pior do que viver o exílio pode ser viver a experiência sem participação direta. Seus lugares não são facilmente localizados nesta história. Estiveram inseridos nela, mas ao mesmo tempo ficaram a margem desta vivência. Acredito que por isso muitos não se consideram ex-exilados, e expressaram uma enorme surpresa quando eram contatados para uma entrevista sobre a temática. Todos perguntaram se eu não queria falar com seus pais, se

tinha certeza que era eles o meu interesse de estudo. Depois demonstravam muita satisfação em darem seus depoimentos, e sentiam-se importantes e reconhecidos, assim como seus pais são.

Como herança também pode ser identificada a crise da cultura política socialista. Herdaram o que entendo como parte do processo de *fim das utopias*, e parece que as gerações que os sucedem adquiriram a mesma marca. É uma geração que passou pela problemática da rejeição ou não do engajamento político, e por conta de seus vínculos familiares sofreram críticas quando se afastaram da militância, ou quando procuram uma forma de atuação baseada em outros modelos. Foi uma geração que sempre esteve comparada com a geração de seus pais. Faziam parte da primeira geração que iria participar e contribuir para o Brasil através de um sistema democrático. Eram identificados como a esperança do país, e carregavam em seus ombros a responsabilidade de mudar o mundo. No entanto, as formas para mudar o mundo podem ser muitas, e não somente as que já foram experimentadas, e que demonstravam não serem eficazes. Além do mais ninguém é obrigado a querer mudar o mundo, e ninguém deve ser cobrado por isso.

Nas memórias dos *Herdeiros do Exílio* a experiência é retratada como provedora de muitos elementos positivos, e os pontos negativos foram, segundo alguns deles, *inconscientemente* selecionados. O elemento da construção está presente como em qualquer outra memória, e muitos apontam isso por eles mesmos. Transmitem a sensação de tentar esquecer as coisas ruins e lembrar somente das boas, mas, contudo não escondem a dor e a violência que passaram, e os momentos tristes compõem a experiência e complementam a importância que ela teve em suas vidas. Uma vivência que aparentemente tinha tudo para ser traumática é retratada, no entanto como parte de suas trajetórias, muitas vezes nem boa nem ruim, apenas a vida que tinham. Expressam a *saudade* do exílio. É precisamente a saudade, um sentimento tão exclusivo do Brasil, que parece ser o denominador comum do que foi a experiência de exílio para as crianças e adolescentes brasileiras que viveram esse episódio nas décadas de 60 e 70.